

A VIDA ESPIRITUAL

1. Uma voz suave e calma

Fico constantemente perplexo com a minha pressa em acabar de fazer certas coisas, em ver uma pessoa, em terminar uma tarefa, enquanto tenho plena consciência de que, no espaço dum mês ou mesmo duma semana, terei esquecido por completo o que me parecia tão urgente. E, pelos vistos, partilho esta agitação com muita gente.

Recentemente, estava eu na esquina das ruas Bloor e Yonge na Baixa de Toronto, quando reparei num jovem que atravessava a rua quando o semáforo ficou vermelho. Pouco faltou para que um carro o tivesse atropelado. Enquanto isso, milhares de pessoas corriam em todas as direcções. A maior parte dos rostos pareciam muito tensos e sérios e ninguém cumprimentava ninguém. Todos estavam absortos nos seus próprios pensamentos, procurando chegar a uma meta desconhecida. Longas filas de carros e camiões atravessavam o cruzamento ou viravam à direita e à esquerda no meio de grandes multidões de peões.

E eu pensei comigo mesmo: «O que é que se passara na mente de toda esta gente? O que é que estarão a procurar fazer, o que é que esperam, o que é que os impele dum lado para o outro?». Estando ali no cruzamento, assaltou-me o desejo de poder ouvir as rumações interiores de toda aquela gente. Mas depressa me dei conta de que não tinha o direito de ser tão curioso. A minha própria agitação provavelmente não era muito diferente da de todas aquelas pessoas a minha volta.

Porque será que me é tão difícil estar calmo e sossegado e deixar que Deus me fale do sentido da vida? Será porque não confio totalmente em Deus? Será porque não O conheço o suficiente? Será porque duvido que Deus esteja aí pronto para o encontro comigo? Será porque tenho medo de Deus? Será porque tudo o resto é mais real para mim do que Deus? Será porque, no fundo, não acredito que Deus Se importe com o que acontece ou deixa de acontecer naquela esquina das ruas Yonge e Bloor?

Mas, apesar de tudo, há uma voz - mesmo ali, na Baixa de Toronto - que nos diz: «Vinde a Mim, todos vós, que estais cansados e oprimidos, e aliviar-vos-ei. Tomai sobre vos o meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração e achareis alívio para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11, 28-30).

Posso confiar nessa voz e segui-la? Não é uma voz muito forte e, com frequência, e abafada pelo barulho do centro da cidade. Apesar de tudo, se eu escutar atentamente, ouvi-la-ei muitas vezes e reconhece-la-ei como a voz que me fala nos lugares mais recônditos do coração.

2. Amas-me?

A afirmação simples «Deus e Amor» tem implicações de longo alcance a partir do momento em que começarmos a viver a nossa vida baseados nessa afirmação. Se Deus, que me criou, é amor e só amor, sou amado mesmo antes que qualquer ser humano me ame.

Quando era criança, perguntava constantemente ao meu pai e à minha mãe: «Gostas de mim?». Fazia essa pergunta tão frequente e persistentemente que se tornou uma fonte de irritação para os meus pais. Embora me garantissem centenas de vezes que me amavam, eu nunca parecia completamente satisfeito com as suas respostas e continuava a fazer-lhes a mesma pergunta. Agora, muitos anos depois, compreendo que pretendia uma resposta que eles não me podiam dar. Eu queria que eles me amassem com um amor eterno. E sei que o caso era esse, porque a minha pergunta «Gostas de mim?» era sempre acompanhada duma outra pergunta: «E tenho que morrer?», De alguma forma, já devia saber na altura que, se os meus pais me amassem com um amor total, ilimitado e incondicional, nunca morreria. Por isso mesmo, continuava a importuná-los com a estranha esperança de eu constituir uma excepção à regra que diz que toda a gente há-de morrer um dia.

Muita da nossa energia esta resumida na pergunta: «Amas-me?,... Gostas de mim?». À medida que envelhecemos, vamos desenvolvendo muitas maneiras mais subtis e sofisticadas de fazer esta pergunta. Dizemos: «Confias em mim, preocupas-te comigo, aprecias-me, és-me fiel, apoias-me, dirás bem de mim?»... e assim por diante. Muita da nossa dor vem da nossa experiência de não ter sido bem-amados.

O grande desafio espiritual é descobrir, com o passar do tempo, que o amor limitado, condicional e temporal que recebemos dos pais, cônjuges, filhos, professores, colegas e amigos, é um reflexo do amor ilimitado, incondicional e eterno de Deus. Se conseguirmos dar esse grande salto de fé, então chegaremos a compreender que a morte já não é o fim, mas a entrada para a plenitude do Amor Divino.

3. Do fatalismo a fé

Somos continuamente tentados pelo fatalismo. Quando dizemos: «Bem, tendo sido sempre tão impaciente, acho que o remédio é aceitar a realidade!»,

estamos a ser fatalistas. Quando dizemos: «Aquele homem nunca teve um pai ou uma mãe amorosos; não nos devemos admirar que tenha acabado na cadeia!», falamos como fatalistas. Quando dizemos: «Ela foi importunada sexualmente muitas vezes em criança; como é que querem que alguma vez tenha uma relação saudável com algum homem?», estamos a deixar que o fatalismo se nos sobreponha. Quando dizemos: «As guerras entre as nações, a morte de fome de milhões de pessoas, a epidemia da Sida e a depressão económica em todo o mundo estão aí a demonstrar que há poucos motivos para a esperança», por isso, nos tornamos vítimas do fatalismo.

O fatalismo e a atitude que faz com que vivamos como vítimas passivas de circunstâncias externas fora do nosso controlo.

O oposto do fatalismo e a fé. A fé é a certeza profunda de que o amor de Deus é mais forte que todos os poderes anónimos do mundo e que pode transformar-nos de vítimas das trevas em ser-vos da luz.

Depois de Jesus ter expulsado o demónio dum rapaz lunático, os seus discípulos perguntaram-Lhe: «Porque é que nos não fomos capazes de o expulsar?». Jesus respondeu: «Por causa da vossa pouca fé. Em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, podereis dizer a este monte: muda-te daqui para acolá, e ele mudar-se-á. E nada vos será impossível (cf. Mt 17, 19-20).

E importante identificarmos as várias formas de pensar, falar ou actuar com fatalismo e convertê-las, pouco a pouco, em momentos de fé. Este movimento do fatalismo para a fé é um movimento que removera as frias trevas do nosso coração, transformando-nos em pessoas cuja fé no poder do amor pode, realmente, fazer mover montanhas.

4. Sob a cruz

E muito difícil continuar a olhar para a vida do alto, do ponto de vista de Deus. Recentemente, o meu amigo Jonas telefonou-me. Com uma voz desfeita, disse-me que a sua filha, Rebecca, tinha morrido quatro horas depois do nascimento. Jonas, a sua mulher Margaret e o seu filhinho Samuel tinham esperado com tanta ansiedade por esta nova criatura. Ela nascera prematuramente, mas ainda com possibilidades de vida. Todavia, depressa se chegou à conclusão que não viveria muito. Jonas baptizou a pequena Rebecca. Ele e Margaret seguraram-na uns momentos e depois... tudo tinha terminado.

Jonas disse: «Enquanto deixava o hospital, não cessei de dizer a Deus: Meu Deus, Tu deste-me a Rebecca; agora eu dou-ta a Ti de volta". Mas é uma dor

tão grande, é um corte tão doloroso dum futuro brilhante, uma sensação de vazio!».

«Rebecca é tua filha», disse-lhe eu, «e continuara a ser sempre tua filha; e de Margaret. Foi-vos dada só por algumas horas, mas essas poucas horas não foram em vão. Tende a certeza de que Samuel tem uma irmã e que Margaret e tu tendes uma filha a viver no abraço eterno de Deus. Ela foi assinalada com o sinal da cruz de Jesus com o qual Samuel, Margaret e tu também fostes assinalados, e sob esse sinal o vosso amor crescerá mais profundamente, mesmo que o vosso coração esteja desfeito».

Falamos durante bastante tempo ao telefone. Como gostaria que nos tivéssemos abraçado e chorado juntos! Como gostaria que tivéssemos estado lado-a-lado e encontrado alguma consolação na amizade que temos um ao outro!

Porque é que isto acontece? Para que a glória de Deus se possa revelar? É muito difícil dizer «sim» nestes casos em que tudo parece tão escuro.

Eu olho para Maria segurando o corpo morto de Jesus. E penso em Margaret e Jonas segurando a sua pequena Rebecca nos braços. E rezo.

5. Uma vida agradecida

Como poderemos viver realmente uma vida em acção de graças? Quando olhamos para trás e vemos tudo o que nos aconteceu, facilmente dividimos a nossa vida em várias fases, com coisas boas a agradecer e coisas, mas para esquecer. Mas, com um passado assim dividido, não podemos caminhar livremente em direcção ao futuro. Com tantas coisas para esquecer, o máximo que podemos fazer é coxear rumo ao futuro.

A gratidão espiritual abarca todo o nosso passado, tanto os bons como os maus eventos, tanto os momentos alegres como os tristes. Do lugar em que nos encontramos, podemos concluir que tudo o que nos aconteceu nos trouxe a este lugar. Recordemos tudo isso como parte do plano de Deus que nos conduz. Isso não quer dizer que tudo o que nos aconteceu no passado seja bom, mas quer dizer que mesmo o mal não aconteceu fora da presença amorosa de Deus.

Os sofrimentos do próprio Jesus foram-lhe causados pelas forças das trevas. Mesmo assim, Ele fala dos seus sofrimentos e morte como o caminho da glória.

É muito difícil colocar todo o nosso passado sob a luz da gratidão. Há muitas coisas de que nos sentimos culpados e envergonhados, muitas coisas que desejaríamos que pura e simplesmente tivessem acontecido. Mas, cada vez que temos a coragem de olhar para elas «na sua totalidade» e de as ver como Deus as vê, então a nossa culpa torna-se uma culpa feliz e a nossa vergonha uma vergonha feliz, porque provocam em nós um reconhecimento mais profundo da misericórdia de Deus, uma convicção mais forte de que Deus quem nos conduz e um empenho mais radical na aceitação da vida ao serviço de Deus.

Desde que todo o nosso passado seja recordado com gratidão, adquirimos a liberdade para ser enviados para o mundo a proclamar a Boa Nova aos outros. Assim como as negações de Pedro não o paralisaram, mas, uma vez perdoado, se tornaram uma nova fonte de fidelidade, assim também as nossas falhas e traições podem transformar-se em gratidão e capacitar-nos a ser mensageiros de esperança.

6. A bênção dos pobres

Jean Vanier, um canadiano que fundou uma rede mundial de comunidades para deficientes mentais, observou mais de uma vez que Jesus não disse: «Bem-aventurados os que tratam dos pobres», mas: «Bem-aventurados os pobres em espírito». Por mais simples que pareça esta observação, dá-nos a chave para o Reino.

«Eu gostaria de dar uma ajuda. E gostaria de fazer alguma coisa pelas pessoas em necessidade. Gostaria de oferecer consolação aos que estão de luto e aliviar os sofrimentos dos que vivem na dor. Não há, como é óbvio, nada de errado neste desejo, E um desejo nobre e louvável. Mas, a menos que eu me dê conta de que a bênção de Deus me advém daqueles que eu quero servir, a minha ajuda terá bem pouca duração e em breve eu «serei queimado».

Como é possível continuar a tratar dos pobres, se os pobres Ficam cada vez mais pobres? Como é possível continuar a tratar dos doentes quando não lia maneira de melhorarem? Como posso consolar os moribundos quando a sua morte me causa mais pena? A resposta esta em que todos eles são uma bênção para mim, uma bênção que eu preciso de receber. O ministério é, acima de tudo, receber a bênção de Deus através daqueles a quem nos prestamos esse serviço. Mas, em que é que consiste esta bênção? É um raio da própria face de Deus. O céu consiste em ver a Deus! Ora bem, nós podemos ver a Deus no rosto de Jesus, e podemos ver o rosto de Jesus em todos os que precisam dos nossos cuidados.

Uma vez perguntei a Jean Vanier: «Como é que encontra a força para ver tanta gente num só dia e para escutar os seus problemas e dores?». Ele sorriu bondosamente e disse: «Eles mostram-me Jesus e dão-me vida». Aqui reside o grande mistério do serviço cristão. Aqueles que servem a Jesus nos pobres serão alimentados por Aquele que eles servem: «Cingir-se-á, mandará que se ponham à mesa e servi-los-á» (Lc 12, 37).

Precisamos tanto duma bênção. E os pobres estão à espera de nos abençoar!

7. O dom do Adam

Só pouco a pouco somos capazes de descobrir as bênções que os pobres têm a oferecer aos que se preocupam com eles. Isto tornou-se-me evidente quando, um dia, o Pe. Bruno, ex-abade dum mosteiro de contemplativos, veio a comunidade de Arche Daybreak passar alguns meses connosco. A comunidade pediu-lhe que vivesse numa das casas chamadas «New House» e tomasse conta do Adam.

Adam é um homem profundamente deficiente. Não pode falar nem andar por si mesmo. Não é capaz de reconhecer ninguém pessoalmente nem está em condições de comunicar com sinais. Precisa de constante ajuda em tudo: levantar-se, tomar banho, vestir-se, escovar os dentes, barbear-se e pentear-se. A única coisa que consegue fazer sozinho é comer! Ele gosta de comer e, com uma colher bem segura na mão, consegue levar a comida do prato a boca. Consegue também segurar um copo ou uma caneca e beber sozinho o leite ou o sumo.

Com o tempo, chegou um momento em que Bruno começou a amar o Adam. Dava-lhe todo o seu tempo e atenção. Durante três meses, Bruno e Adam foram colegas muito íntimos.

Quando Bruno nos deixou, veio despedir-se e disse-me: «Como abade, falei muitas vezes de vida espiritual, procurando vivê-la pessoalmente. Estudei o *The Cloud of Unknowing* (A sombra do desconhecido) e outros escritos místicos. Sempre soube que tinha que me esvaziar para Deus, pondo de lado gradualmente pensamentos, emoções, sentimentos e paixões que me impedissem a comunhão profunda que desejava. Quando encontrei o Adam, encontrei um homem que, embora considerado pelo mundo como profundamente deficiente, foi escolhido por Deus para ser o transmissor da graça profunda da sua presença. Ao passar muitas horas e dias com o Adam, fui conduzido a uma calma interior profunda. No "vazio" do Adam estava presente para mim - como o esteve para outros - a plenitude do amor divino, uma poderosa atracção para a vida mística; ou seja, para a vida em comunhão com Deus». As palavras de Bruno tocaram-me profundamente e

tornaram-me consciente de que Deus Se tinha servido do Adam como gula espiritual do Bruno.

8. Dois a dois

O viajar raramente é bom para a vida espiritual. Especialmente quando se viaja sozinho. Aviões, aeroportos, autocarros e automóveis, comboios e estações de caminhos de ferro cheios de gente que anda dum lado para o outro atravancada de revistas, livros e objectos inúteis - é tudo demais, demasiado sensual e difuso para mantermos o coração e a mente concentrados em Deus. Quando viajo sozinho, acabo por comer demais, beber demais e olhar ao meu redor demais. Entretanto, deixo que a mente resvale para lugares insalubres e imaginários e que o meu coração ande à deriva com emoções e sentimentos confusos.

Jesus não quer que viajemos sozinhos. Ele manda-nos dois a dois dizendo: «Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos» (Lc 10, 3). «Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas» (Mt 10, 16).

Desde que vivo na comunidade de Daybreak, uma comunidade com deficientes mentais, raramente viajo sozinho. A comunidade manda-me com Bill, Francis, David, Peter e muitos membros com deficiências, não simplesmente porque eles gostam de viajar, mas também porque eu preciso do seu apoio. E que diferença faz!

Ir com companhia mudou radicalmente o significado das minhas viagens. Em vez de viagens de estudo, tornaram-se missões; em vez de situações cheias de tentações, tornaram-se aventuras espirituais, em vez de momentos de solidão tornaram-se oportunidades de comunhão.

As palavras de Jesus: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei Eu no meio deles» tornaram-se muito reais para mim. Em companhia, estamos bem protegidos contra os poderes sedutores que nos rodeiam e em companhia podemos revelar, de Deus, algo que nenhum de nós e capaz de revelar sozinho. Em conjunto, de facto, podemos ser tão prudentes como serpentes e tão simples como pombas.

HENRY J. M. NOUWEN, *Aqui e agora, Vida no Espírito, Paulinas, 2006, 4ª ed., cap. V, A vida espiritual, pp. 77-89*